

MINHA HISTÓRIA CONTO EU: MULTICULTURALISMO CRÍTICO E CULTURA CORPORAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Marília Menezes Nascimento Souza Carvalho

Colégio de Aplicação/UFS

Ao confrontarmos a configuração da cultura corporal e da Educação Física no contexto escolar brasileiro e sergipano com as necessidades educacionais contemporâneas, em meio à globalização neoliberal e às relações de poder inerentes, percebemos a urgência da realização de pesquisas que subsidiem uma pedagogia politicamente engajada com a diversidade cultural e a justiça social. Ao propor ações nessa perspectiva, os Estudos Culturais e o multiculturalismo crítico evidenciam a necessidade de investigar os aspectos didáticos que demarcam a prática pedagógica orientada nessa perspectiva, com intuito de embasar o diálogo com a diversidade cultural no currículo escolar. Em julho de 2010, por ocasião da realização de pesquisa de mestrado fundamentada nos Estudos Culturais e com intenções de interação com propostas didáticas com a cultura corporal e atentas às questões da diversidade cultural, conhecemos o “Projeto Identidade: minha história conto eu”, desenvolvido em uma escola da rede pública municipal de Aracaju ao longo daquele ano letivo com uma turma da Educação Infantil, cujas perspectivas formativas se colocavam em direção à formação para a cidadania, à valorização da diversidade cultural e à constituição identitária das crianças. Entretanto, as práticas educativas desenvolvidas inicialmente pelas professoras-coordenadoras do Projeto não incluíam a tematização da cultura corporal com vistas à constituição identitária democrática, apenas como prática de recreação livre e instrumento para trabalhar habilidades de leitura, escrita e ordenação numérica, por vezes fomentando identidades autoritárias e silenciando as minoritárias. O panorama encontrado e o desejo expresso pelas docentes em ampliar sua formação e potencializar uma ação pedagógica comprometida com a democracia, de modo a incluir os conhecimentos da cultura corporal, implicou a realização da investigação aqui apresentada. O objetivo foi identificar, evidenciar e analisar os aspectos didáticos que demarcam o processo de elaboração e implementação de um currículo multicultural crítico que problematizou a cultura corporal com vistas à constituição de identidades democráticas, ao longo de um semestre letivo. As barreiras epistemológicas impostas, em contraste com a fundamentação dos Estudos Culturais, oportunizaram redimensionar as formas de

investigar sobre/com o currículo, observando-o como prática social. Assim, elaboramos a metodologia da pesquisa em “(inter)ação” ao considerar a diversidade de sujeitos, compreensões e orientações culturais envolvidas num currículo e na investigação e, a partir do que foi constatado, criamos, definimos e materializamos cada passo ou ação. Participaram do estudo as duas professoras-coordenadoras do Projeto Identidade, as 23 crianças da turma investigada e o coordenador geral da instituição. Para coleta de dados, utilizamos entrevistas semiestruturadas, observações com registros em diário de campo e registro de imagens através de fotos e vídeo. A ação envolveu estudo de formação da professora, planejamento e implementação da prática multicultural crítica. Os dados foram analisados mediante os procedimentos da descrição crítica com inferências. Tanto o currículo empreendido, como o processo formativo da docente, foi marcado por ações didáticas de caráter crítico que envolveram mapeamento, tematização, aprofundamento, ampliação, ressignificação e avaliação dos conhecimentos da cultura corporal das crianças, numa pedagogia que se desenvolveu como prática de diálogo aberto e plural em interação com as questões socioculturais que afetam a vida dos sujeitos envolvidos.

Palavras-chave: Cultura corporal. Educação Infantil. Multiculturalismo crítico

Discutir as práticas educativas desenvolvidas na Educação Infantil, especialmente aquelas que têm como foco a identidade das crianças, é tarefa de fundamental importância. Principalmente se considerarmos a constituição identitária como um processo discursivo que acontece ao longo da vida como indicam os Estudos Culturais.

Posta a intenção, lançamo-nos a campo com a proposta de potencializar a inclusão da cultura corporal como conhecimento a ser tematizado sob essas preocupações e as teorizações dos Estudos Culturais e do multiculturalismo crítico. Fundamentada nessas perspectivas que trazem para além de preocupações acadêmicas, uma definição política em favor da diversidade cultural e da justiça social, empreendemos ao longo desse estudo o esforço em efetivar uma pesquisa engajada na materialização de outras formas de interação com o “objeto” de estudo, os sujeitos participantes e as representações que manifestam.

No campo da educação, os Estudos Culturais defendem que pessoas comuns, representantes do povo, possam ter seus conhecimentos validados e seus interesses contemplados através das práticas educativas. Isso significa influenciar na formação de identidades mais críticas e conscientes das sobredeterminações culturais que as condicionam (social e subjetivamente) e viabilizar a inserção e engajamento desses sujeitos

na dinâmica de sociedades efetivamente democráticas. Os Estudos Culturais fornecem os subsídios para viabilizar a justiça curricular e a constituição de práticas pedagógicas menos excludentes, como propõem as perspectivas do currículo multicultural crítico¹ (CANDAU, 2010; MOREIRA; CÂMARA, 2010; NEIRA, 2006; NEIRA; NUNES, 2009).

A turma com a qual trabalhamos durante a realização deste estudo já desenvolvia práticas educativas atentas aos aspectos culturais da comunidade envolvida, considerando a diversidade que a compunha sob a justificativa de contribuir com a constituição identitária do “cidadão de direitos e deveres”. Por meio do “Projeto Identidade: minha história conto eu”, a professora desenvolvia atividades com os diferentes conhecimentos curriculares. Após um período de observações e conversas com a docente, tornou-se visível a polarização em torno de saberes intelectuais e historicamente valorizados pela cultura escolar, quais sejam, aqueles relativos à leitura, escrita e cálculo. Além disso, foi possível observar que os marcadores identitários como gênero e etnia eram tratados de maneira ingênua, sem questionar as relações de poder que caracterizam diferenças entre grupos e perpetuam o domínio de alguns sobre os outros. Nesses casos, os discursos sobre as diferenças tendiam a reforçar estereótipos e representações folclorizadas que pouco ou nada contribuem com a formação de identidades democráticas.

A professora explicitou sua dificuldade em tratar pedagogicamente as práticas corporais, apesar de reconhecer e ressaltar a sua contribuição para a constituição identitária almejada. Nas suas palavras, as aulas de Educação Física poderiam dialogar com e sobre a diversidade cultural, estimular um autoconceito positivo nas crianças, promover o desenvolvimento das habilidades psicomotoras, o conhecimento acerca da identidade pessoal, o conhecimento das letras, números e a escrita, especialmente do próprio nome.

Ficou evidente o distanciamento entre a perspectiva do Projeto Identidade e os destaques feitos pela educadora com relação às possibilidades do trabalho com as práticas corporais, uma vez que explicitou sua preocupação com a realização de atividades que contribuíssem para o desenvolvimento de habilidades psicomotoras. Soma-se a isso, o fato que essa compreensão da Educação Física tampouco dialogava com as perspectivas educacionais da escola, previstas no seu Regimento Escolar.

¹ Aquele que valoriza a diversidade cultural do mundo contemporâneo nas práticas escolares e reconhece a tendência homogeneizante do atual contexto, mostrando que não é possível separar questões culturais, como a educação, o ensino e seus conteúdos, de questões de poder que tendem a fortalecer as culturas, identidades e perspectivas de grupos que se apresentam hegemônicos em detrimento da diversidade, por sua vez, subjugada à cultura dominante.

O panorama encontrado e o desejo expresso pela docente em ampliar sua formação e potencializar uma ação pedagógica comprometida com a democracia, de modo a incluir os conhecimentos da cultura corporal das crianças, implicou na realização da pesquisa em (inter)ação. O objetivo foi identificar, evidenciar e analisar os aspectos didáticos que demarcam o processo de elaboração e implementação de um currículo multicultural crítico que problematizou a cultura corporal com vistas à constituição de identidades democráticas, ao longo de um semestre letivo.

Como redimensionamento da pesquisa-ação, ao reconhecer as barreiras epistemológicas impostas por esta perspectiva metodológica em contraste com a fundamentação dos Estudos Culturais, a pesquisa em (inter)ação orientou a investigação sobre/com o currículo, observando-o como prática social. Elaboramos a metodologia da pesquisa em (inter)ação ao considerar a diversidade de sujeitos, compreensões e orientações culturais envolvidas no currículo e na investigação e, a partir do que foi constatado, criamos, definimos e materializamos cada ação curricular. (SOUZA, 2012).

O currículo é expressão de sistemas de pensamento que incorporam regras e padrões que constroem a razão e a individualidade. O currículo regula não apenas o que é compreendido cognitivamente, mas como a cognição produz sensibilidades, disposições e consciência do mundo social, ou seja, subjetividades. (POPKEWITZ, 1994, *apud* BUJES, 2000)

A Educação Infantil, como dispositivo de infantilidade, a partir do seu currículo, exerce uma função estratégica. O currículo da Educação Infantil se inscreve na ordem do poder, por isso pressupõe mecanismos de resistência e transgressão, como também constitui-se em veículo de produção de modos de pensar e interagir. Articulado critica e conscientemente, age em favor de relações mais justas, considerando a criança em sua inteireza, como ser que tem seus modos particulares de ser e agir, produzindo cultura.

Desde a aproximação com a escola, o processo de formação da professora, a elaboração e implementação do currículo multicultural crítico, como também nos procedimentos deste, a seleção de temas, as ações didáticas e as atividades desenvolvidas, tensionaram constantemente as relações de poder existentes mediante a escuta atenta e a valorização das vozes e expressões das culturas minoritárias, que caracterizaram a ação empreendida. Assim, relacionamo-nos com a escola, a professora e as crianças buscando desestabilizar a tradicional hierarquia que existe entre a professora e a pesquisadora e entre

a prática docente e a/s infância/s. Isso foi notado pela professora que, nos primeiros meses de pesquisa, ressaltou a importância dessa postura para a construção coletiva objetivada.

A ação didática empreendida junto às crianças tematizou as práticas corporais de forma articulada às demais atividades que fizeram parte do projeto e, mais especificamente, a partir do subprojeto “Direito ao lazer”, sugerido pela professora como desdobramento da discussão dos direitos da criança, que desenvolvia no momento da nossa chegada à escola.

As conversas com as crianças acerca de suas práticas de lazer no bairro constataram a inexistência de espaços públicos adequados, além da invisibilidade dessas práticas. O tema do subprojeto foi redimensionado para “Direito ao lazer: práticas corporais de rua e a utilização de espaços públicos”. Foram estudadas inicialmente as brincadeiras vivenciadas pelas crianças, em que observamos e discutimos relações de poder no tocante ao gênero e faixa etária, o que viabilizava ou não a participação de crianças em brincadeiras dos grupos infantis com os quais se relacionavam, como a impossibilidade de meninas em brincarem de futebol e de crianças pequenas participarem da brincadeira de elástico.

Em meio à tematização das brincadeiras vivenciadas descobrimos o “beik de Rusti Biber”². O *break*, ao ser demonstrado por um garoto, como prática de lazer vivenciada com o irmão mais velho (já adulto), sinalizava a presença da cultura *Hip Hop* no bairro. Ao ampliar as ações de mapeamento da cultura corporal das crianças, descobrimos a influência do *Hip Hop* na constituição de suas identidades, apesar de desconhecerem as origens e perspectiva política do movimento e o associarem a representações hegemônicas na mídia internacional, como as danças do cantor Justin Bieber, que silenciam o engajamento político com o qual essa manifestação está comprometida.

Em meio ao aprofundamento e ampliação desses conhecimentos, estudamos quatro elementos do *Hip Hop* (grafite, *rap*, *DJ* e *MC*) e buscamos valorizar a produção cultural local. As crianças conheceram *raps* produzidos por jovens aracajuanos que abordam as injustiças vividas nas periferias da cidade e contataram grafiteiros do bairro que, com autorização do Conselho Escolar, grafitaram um dos muros internos da escola. Percebemos, ainda, a pertinência de articular o engajamento político em defesa da justiça social ao questionamento das condições de lazer no local.

² Fala de uma criança da turma referindo-se ao “*break* de Justin Bieber”.

Visitas a praças públicas em bairro vizinho e no próprio bairro para comparação das condições de uso existentes forneceram os instrumentos para a luta das crianças em defesa de melhorias na praça próxima à escola. Sensibilizadas, as crianças sugeriram a escrita de uma carta ao prefeito da cidade solicitando as reformas necessárias para garantir o lazer da comunidade. A professora engajou-se nessa tarefa. A carta foi escrita coletivamente e um abaixo-assinado com as reivindicações das crianças, apoiadas por assinaturas dos colegas das demais turmas da escola, foi entregue ao Secretário municipal de esporte e lazer, que visitou a escola a convite.

As atividades desenvolvidas articularam conhecimentos de diferentes áreas e envolveram vivências das práticas corporais tematizadas. Foi possível ouvir, interpretar e cantar músicas, elaborar mixagens através dos sons do corpo, expressar-se por meio de desenhos e pinturas a dedo, participar de rodas de conversa, discutir em grupo, elaborar regras para as brincadeiras visando favorecer a possibilidade de participação de todos, tomar decisões coletivas, eleger representantes de turma, produzir textos coletivos que foram registrados graficamente pela professora, compartilhar saberes e trocar experiências e conhecimentos. As expressões orais e pictóricas das crianças, bem como atitudes demonstradas ao longo do trabalho pedagógico permitiram avaliar os efeitos da pedagogia multicultural crítica na constituição identitária dos sujeitos envolvidos.

Considerações

Nesse sentido, apoiamos o ensino, a prática pedagógica, a instrução, a comunicação didática de ensinamentos e saberes tal como sugere Larrosa (2006) para a educação de crianças, como prática de diálogo, mais plural, aberta e, porque envolvida implicitamente com a formação, articulada à justiça. Em relação a esta última, inferimos, com o auxílio do autor, que o ensino, que tem o poder de mudar, não é aquele que se dirige diretamente à criança, ao adolescente, ou ao docente etc., dizendo-lhe como deve ser, como ele tem que ver o mundo e o que deverá fazer. Não é aquele que lhes oferece uma imagem do mundo, nem o que lhe dita como deve interpretar a si mesmo e a suas próprias ações, tampouco é aquele que renuncia ao mundo e à vida dos homens e se dobra sobre si mesmo. A função do ensino consiste em violentar e questionar o conhecimento, trivial e fossilizado, violentando e questionando, ao mesmo tempo, as convenções que nos dão o mundo como algo já pensado e já dito, como algo evidente, algo que se impõe sem reflexão, posto que naturalizado.

Ao compreender a criança como um sujeito que se constitui culturalmente, uma vez que a subjetividade se constrói na experiência concreta que compreende as relações culturais e que a história aqui contada é apenas um pequeno capítulo da vida daquelas e da professora-colaboradora, acreditamos que as ações didáticas empreendidas junto a elas contribuíram na constituição de identidades democráticas. A fundamentação nos Estudos Culturais e nas teorizações pós-críticas possibilitaram a compreensão das relações de poder que interferem na constituição do currículo e das práticas educativas da Educação Física e/ou com a cultura corporal. Assim, viabilizaram decisões políticas que repercutiram no campo prático do ensino, especialmente nos aspectos didáticos.

REFERÊNCIAS

BUJES, M. I. E. O fio e a trama: malhas do poder. **Educação & Realidade**, v. 25, n.1: Os nomes da infância, p. 25-44, dez./jan./jul. 2000. Disponível na internet:

<http://www.ced.ufsc.br/~nee0a6/BUJES.pdf>.

CANDAU, V. M. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, A. F. B. e CANDAU, V. M. (Orgs.) **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LARROSA, J. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2006.

MOREIRA, A. F. B.; CÂMARA, M. J. Reflexões sobre currículo e identidade: implicações para a prática pedagógica. In: MOREIRA, A. F. B; CANDAU, V. M. (Orgs.) **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

NEIRA, M. G. O currículo multicultural da Educação Física: uma alternativa ao neoliberalismo. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**. V. 5. N. 2. p.75-83, 2006.

NEIRA; NUNES. **Educação Física, currículo e cultura**. São Paulo: Phorte, 2009.

SOUZA, M. M. N. **“Minha história conto eu”**: multiculturalismo crítico e cultura corporal no currículo da Educação Infantil. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo: FEUSP, 2012.